

ORHAN PAMUK

A casa do silêncio

Tradução
Eduardo Brandão



Copyright © 1996 by İletişim Yayıncılık A.Ş. Kasım
Todos os direitos reservados

A presente tradução foi feita com base na tradução francesa *La Maison du silence*, de Munevver Andac.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Sessiz Ev

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

a definir

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Ana Maria Barbosa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pamuk, Orhan

A casa do silêncio / Orhan Pamuk ; tradução Eduardo Brandão. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Sessiz Ev.

ISBN 978-85-359-2315-5

1. Ficção turca. 1. Título.

13-07872

CDD-894.35

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura turca 894.35

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1.	Recep vai ao cinema	7
2.	Vovó espera na cama	19
3.	Hasan e seus amigos arrecadam contribuições	31
4.	Faruk ao volante	40
5.	Metin não perde tempo	48
6.	Recep serve o café da manhã	56
7.	Vovó faz suas preces	64
8.	Hasan protela	76
9.	Faruk lê histórias no Arquivo	82
10.	Metin socializa	88
11.	Vovó pega a bomboneira de prata	96
12.	Hasan se irrita com a matemática	107
13.	Recep compra leite e mais algumas coisas	115
14.	Faruk reencontra o prazer de ler	121
15.	Metin se diverte com os amigos e com o amor	128
16.	Vovó ouve a noite	137
17.	Hasan compra outro pente	146
18.	Faruk precisa encontrar uma história	156
19.	Recep serve a silenciosa mesa de jantar	164

20. Hasan sofre pressão dos companheiros	172
21. Metin perde o controle	182
22. Hasan cumpre seu dever	196
23. Fatma se recusa a viver em pecado	206
24. Faruk e Nilgün veem tudo do alto	218
25. Metin empurra o carro e arrisca a sorte	230
26. Hasan tenta devolver o disco e o caderno	243
27. Recep leva Nilgün para casa	260
28. Faruk assiste à dança do ventre	268
29. Vovó recebe visitas no meio da noite	277
30. Recep tenta cuidar de todo mundo	288
31. Hasan vai embora	300
32. Fatma encontra consolo ao segurar um livro	308

1. Recep vai ao cinema

“O jantar está servido, Madame. Queira pôr-se à mesa.”

Ela não disse nada. Continuava imóvel, apoiada em sua bengala. Fui pegá-la pelo braço, ajudei-a a se sentar. Ela se contentou em resmungar sei lá o quê. Desci para buscar sua bandeja na cozinha, coloquei-a à sua frente. Correu os olhos por ela, sem tocar em nada. Foi quando estendeu o pescoço dizendo alguma coisa por entre os dentes que me dei conta, peguei seu guardanapo, amarrei-o abaixo das suas imensas orelhas, estendendo os braços.

“O que você fez para esta noite?”, ela perguntou. “Vamos ver o que você inventou.”

“Berinjela ao forno”, disse eu. “Foi o que a senhora me pediu ontem.”

“A mesma coisa do almoço?”

Empurrei o prato para diante dela. Ela pegou o garfo, enfiou-o numa berinjela continuando a resmungar. Depois de ter remexido longamente a comida, decidiu-se a comer.

“Aqui está a salada, Madame”, falei e saí. Voltei à cozinha, me servi de uma berinjela, sentei e comecei a comer.

“O sal! Cadê o sal, Recep?”

Subi e vi que o saleiro estava ali, ao alcance de sua mão.

“Está aqui!”

“Que novidade é essa? Por que você vai para dentro enquanto janto?”

Não respondi.

“Eles não vão chegar amanhã?”

“Vão sim, Madame, vão chegar”, falei. “Não vai pôr sal?”

“Não se meta onde não é chamado! Afinal, eles vão chegar amanhã ou não vão?”, disse ela.

“Vão estar aqui por volta do meio-dia”, respondi. “Foi o que disseram no telefone...”

“O que mais tem para comer?”

Levei a metade da berinjela, pus os feijões com cuidado num prato limpo. Quando ela começou a brincar com os feijões fazendo cara de nojo, saí e fui me sentar para comer. Passado um instante, ela me pediu a pimenta-do-reino, mas fingi não ter ouvido. Depois pediu frutas, voltei lá, empurrei a fruteira para diante dela. Seus dedos finos, ossudos, foram e vieram nos pêssegos, lentamente, como uma aranha já sem forças. Por fim se immobilizaram.

“Estão estragados! Onde achou esses pêssegos? Deve ter apanhado tudo do chão, ao pé das árvores.”

“Não estão estragados, Madame”, falei. “Estão bem maduros. São os melhores que consegui achar. Comprei-os no fruteiro. A senhora sabe que não tem mais nenhum pessegueiro por aqui.”

Ela fingiu não ouvir e escolheu um pêssego. Tornei a sair. Mal tive tempo de comer meus feijões:

“Desamarre isto!”, ela gritou. “Recep, onde você se meteu, venha tirar meu guardanapo!”

Fui correndo. Estendi a mão para o guardanapo e percebi que ela tinha deixado no prato metade do pêssego.

“Quer damasco, Madame? Senão a senhora vai me acordar no meio da noite dizendo que está com fome.”

“Muito obrigada!”, disse ela. “Ainda não estou gagá para comer estas porcarias. Tire o guardanapo.”

Levantei-me na ponta dos pés para desatar o nó, ela limpou a boca fazendo uma careta, depois seus lábios se moveram como se ela murmurasse uma prece. Levantou-se.

“Me leve para cima!”

Pôs a mão no meu ombro, fomos para a escada. No nono degrau, paramos para tomar fôlego.

“Arrumou os quartos deles?”, perguntou, ofegante.

“Arrumei.”

“Muito bem, então vamos”, disse ela, apoiando-se ainda mais em mim. Voltamos a subir.

“Dezenove! Graças a Alá!”, disse ela, e entrou em seu quarto.

“Não se esqueça de acender o abajur”, eu lhe disse. “Vou ao cinema.”

“Ao cinema!”, fez ela. “Um homem da sua idade! Não volte tarde.”

Desci, terminei meu feijão e lavei a louça. Tirei o avental, já estava com a gravata por baixo dele. Só precisei pegar o paletó, conferi se a carteira estava no bolso. Saí.

Uma brisa fresca soprava do mar, era agradável. As folhas da figueira farfalhavam. Fechei o portão, caminhei em direção à praia. No fim do muro do nosso jardim começam a calçada e as casas de concreto. As pessoas estão sentadas em seus terraços, ou em seus minúsculos jardins, todos veem tevê, ouvem o noticiário, as mulheres estão ocupadas nas churrasqueiras. Nenhuma delas me vê. A carne nas churrasqueiras, fumaça. Famílias, vidas; tento imaginar como é. No entanto, quando chega o inverno não sobra mais ninguém aqui. Então até o ruído de meus passos nas ruas desertas me dá arrepios. Percebi que estava tremendo de frio, enfiei o paletó, dobrei a esquina.

É engraçado pensar que todas aquelas pessoas se põem à mesa na mesma hora, vendo televisão! Eu passeava pelas ruelas. Um carro parou no fim de uma das que dão na pracinha. Um marido desce, pasta na mão, ar cansado; na certa chega de Istambul, entra em casa, parece contrariado por estar chegando tarde para o jantar na frente da tevê. Quando voltava da praia, ouvi a voz de Ismail:

“Loteria nacional! Só faltam seis dias!”

Não me viu. E eu não o chamei. Ele ia e vinha entre as mesas do restaurante, a cabeça balançava com força. Alguém o chamou de uma mesa, ele se inclinou estendendo os bilhetes para uma garotinha vestida de branco, as tranças presas com fitas. Ela examinava os bilhetes muito séria, seu pai e sua mãe sorriam, com um ar feliz. Dou as costas para eles, não os vejo mais. Se chamasse Ismail, se ele me visse, viria rápido até mim, mancando, e me diria, por que você não vem mais visitar a gente, e eu responderia, é que você mora

longe, meu irmão, e a ladeira é muito íngreme, e ele me diria, claro, tem razão, quando o sr. Doğan nos deu aquele dinheiro eu devia ter comprado um terreno aqui, e não no alto da ladeira, devia ter comprado aqui, à beira-mar, e não lá em cima, a pretexto de que lá fica mais perto do trem, eu seria milionário hoje em dia, e eu diria a ele, pois é, pois é; sempre a mesma conversa. E sua mulher, tão bonita, que se contenta em ficar calada nos observando. Por que visitá-los? No entanto, me dá vontade de ir, principalmente nas noites de inverno, quando não encontro ninguém a quem dirigir a palavra, então eu vou, mas é sempre a mesma conversa.

Os cassinos à beira-mar estão desertos. As televisões estão ligadas. Os garçons haviam enfileirado, às centenas, copos de chá que cintilam de limpeza à luz das lâmpadas fortes. Aguardam o fim do jornal da tevê e a multidão que vai invadir as ruas. Debaixo das mesas vazias, gatos. Prossigo.

Do outro lado do quebra-mar, barcos puxados na areia. A pequena praia está deserta e suja: algas, garrafas, resíduos de plástico... Dizem que vão demolir a casa de Ibrahim, o barqueiro, e mesmo o café. Quando percebi a luz em suas vidraças, me senti subitamente tomado de emoção pela ideia de aí encontrar alguém que não estivesse jogando cartas, com quem pudesse trocar algumas palavras e que me diria, como vai, e eu diria, e você, como vai, trocaríamos algumas palavras em voz alta, por causa do som da tevê e da barulheira dos clientes: a amizade. Poderíamos até ir ao cinema juntos.

No entanto, assim que entrei no café, todo o meu bom humor se esvaiu, porque aqueles dois garotos estavam lá. Ficaram felizes ao me ver, olharam um para o outro e caíram na gargalhada, mas nem bato os olhos neles, olho para o meu relógio, procuro um amigo. Nevzat está ali à esquerda, sentado com os jogadores, acompanhando o jogo. Puxo uma cadeira, sento ao lado dele. Estou feliz. Viro-me para Nevzat, sorrio para ele.

“Olá”, digo, “como vai?”

Ele não disse nada.

Dei uma olhada na tevê, era o fim do jornal. Depois fiquei olhando as cartas que iam e vinham, Nevzat observando, esperei que terminassem aquela mão, eles terminaram, mesmo assim não falaram comigo, só falaram e riram entre si. Depois continuaram a partida, se concentraram novamente no jogo. Por fim, quando estavam dando as cartas para uma nova mão, achei melhor dizer alguma coisa.

“Nevzat, o leite que você nos deu hoje de manhã estava ótimo.”

Ele fez que sim com a cabeça, sem tirar os olhos das cartas.

“Bem cremoso, bom mesmo.”

De novo, ele se contentou em balançar a cabeça. Olho o meu relógio, cinco para as nove. Depois me viro para a televisão; me concentrei tanto nela que só bem mais tarde percebi as risadinhas dos dois rapazes. Quando vi o jornal que haviam aberto, por Alá, ainda aquelas fotos, pensei, aterrorizado, e eles continuaram a olhar para mim, depois para o jornal. Não dê bola, Recep! Mesmo assim pensei: às vezes eles publicam uma foto nos jornais, como são cruéis, e põem legendas injustas ou idiotas, como fazem com as fotos de mulheres nuas ou de ursas do zoológico que acabam de parir. Viro-me bruscamente para Nevzat e pergunto mais uma vez, sem pensar:

“Como vai?”

Ele se virou para mim brevemente, murmurando alguma coisa, mas não consegui pensar em nada mais para dizer, pois só tinha a foto na cabeça, e deixei escapar assim a oportunidade de entabular uma conversa com ele. Além do mais, fiz a besteira de me virar para os dois rapazes. Nossos olhares se cruzam, eles fazem uma cara mais sonsa ainda. Viro-me novamente. Um rei cai na mesa. Os jogadores se xingam, uns contentes, outros desapontados. Começa uma nova partida: as cartas e a satisfação mudam de lado. Haveria mesmo uma foto? Então tive uma ideia:

“Cemil!”, chamei. “Me traga um chá!”

Era tudo o que eu havia encontrado para desviar a atenção, para esquecer um breve instante, mas não durou muito porque tornei a pensar no jornal que os dois rapazes liam, zombeteiros. Quando me virei novamente para eles, haviam passado o jornal para Cemil, que estava olhando para o que eles mostravam. Quando viu meu olhar inquieto, Cemil fez uma cara chateada e gritou de repente com uma voz carregada de censura:

“Desaforados!”

Pronto, tarde demais, já não posso fingir não ter percebido nada. Devia ter ido embora há muito tempo. Os dois rapazes riam às gargalhadas.

“O que foi, Cemil?”, perguntei. “O que há nesse jornal?”

“Nada”, ele disse. “Uma notícia esquisita.”

Morro de curiosidade. Tento me conter, não aguento mais. Desço da cadeira, me dirijo a Cemil, como que fascinado, a passos lentos, passando pertinho dos rapazes, que ficam em silêncio.

“Me dê esse jornal!”

Ele faz um gesto, como para ocultá-lo.

“Uma notícia esquisita!”, diz ele. “Será verdade? Nunca ouvi uma coisa assim!” E, virando-se feroz para os jovens, repetiu, “seus desaforados”, e por fim me passou o jornal.

Como um lobo faminto arranco-o de suas mãos, abro-o, meu coração disparado. Sufocando, olho para onde ele aponta, mas não tem foto.

“Onde?”

“Aqui”, diz Cemil, tocando o jornal com a ponta dos dedos, parecendo intrigado.

Meus olhos correm rápido para o que ele mostra, leio em voz alta: “O Cantinho da História... Os tesouros históricos de Üsküdar... O poeta Yahya Kemal e Üsküdar...”. Depois, em letra menor: “A mesquita grega de Mehmet Paxá, o grego... A mesquita de Ahmedîye e sua fonte... A mesquita de Şemsi Paxá e sua biblioteca...”.

Depois o dedo de Cemil desliza um pouco mais para baixo, timidamente, e posso ler: “A casa dos anões em Üsküdar!”.

O sangue me sobe ao rosto. Leio de um só fôlego:

“Além disso, havia em Üsküdar uma casa para os anões, uma casa construída não para pessoas normais, mas especialmente para anões, onde nada era negligenciado, as dimensões dos cômodos, das portas, das janelas, das escadas haviam sido calculadas para eles, de modo que um indivíduo de estatura mediana tinha de se dobrar para entrar. De acordo com as pesquisas de Süheyl Enver, professor de história da arte, foi a esposa do sultão Mehmet II, mãe do sultão Ahmet I, que havia mandado construir essa casa, porque ela adorava anões. A paixão excessiva dessa sultana por seus anões é bem conhecida na história do harém. Preocupada em assegurar depois da sua morte uma vida tranquila para seus pequenos favoritos, pelos quais sentia uma profunda ternura, a sultana Handan teria mandado Ramazan, carpinteiro-chefe do Serralho, construir esse lar. Mas como Evliya Çelebi,* que descreve Üsküdar nessa mesma época, não fala dela em seus livros, não podemos afirmar com

* Escritor e viajante turco, poeta, calígrafo, miniaturista e músico, nascido em Istambul em cerca de 1611 e falecido em 1682. Percorreu toda a Europa oriental e ocidental. (N. T. da edição francesa)

certeza que essa estranha casa tenha um dia existido. Se foi de fato construída, deve ter sido devastada pelo grande incêndio de 1642, que destruiu a maior parte de Üsküdar.”

Fiquei perturbadíssimo. Minhas pernas tremiam, o suor escorria nas minhas costas.

“Não se aborreça, Recep”, me disse Cemil. “Por que você dá tanta importância a esses desaforados?”

Eu morria de vontade de reler o artigo, mas não era capaz. Mal conseguia respirar. O jornal escorregou entre meus dedos, caiu no chão.

“Sente-se”, me disse Cemil. “Acalme-se. Essa história o entristeceu.” E, virando-se para os jovens, falou: “Seus desaforados!”.

Eu também olhei para eles, vacilante. Vi que me observavam com uma curiosidade perfida.

“Sim”, falei. “Me entristeceu.”

Calei-me por um instante para recobrar o controle e reuni minhas forças para conseguir falar:

“Não estou triste por ser anão. Para dizer a verdade, o que me entristece é ver que há gente cruel o bastante para debochar de um anão de cinquenta e cinco anos.”

Um silêncio se fez. Os jogadores tinham me ouvido, creio. O olhar de Nevzat pousou em mim. Será que ele entendeu? Os jovens baixaram a cabeça, certamente um pouco envergonhados. Minha cabeça se pôs a girar, a televisão zumbia.

“Seus desaforados!”, repetiu Cemil, sem veemência.

E quando eu me dirigia para a porta:

“Espere, Recep!”, disse Cemil. “Onde você vai?”

Não respondi. Avancei alguns passos titubeante, dando as costas para as luzes vivas do café. Encontrei-me novamente do lado de fora, no frescor da noite escura.

Não estava em condições de caminhar, mas me esforcei para dar mais alguns passos, depois me sentei num dos cabeços perto do atracadouro. Aspirei o ar profundamente, meu coração ainda batia acelerado. O que fazer agora? As luzes dos restaurantes e dos cassinos brilhavam ao longe. Penduraram lanternas coloridas nas árvores, e sob suas luzes há pessoas comendo, conversando. Por Alá!

A porta do café se abre. Ouço a voz de Cemil:

“Recep, Recep! Onde você está?”

Permaneci em silêncio. Ele não me viu e entrou de volta no café.

Só me levantei bem mais tarde, quando ouvi o ronco do trem que vai para Ancara. Eram portanto nove e dez e eu me dizia: afinal, são apenas palavras, uma nuvem de sons que se esvai mal são emitidos, não é? Essa ideia me acalmou um pouco, mas não tinha vontade de voltar para casa e só havia uma coisa a fazer: ir ao cinema. Não estava mais suando, o ritmo do meu coração havia desacelerado; eu me sentia melhor. Respirei demorada, profundamente, e fui andando.

O café já ficou para trás, longe, eles já devem ter esquecido de tudo, das palavras e de mim, e a televisão deve continuar a zumbir. Os dois rapazes, se Cemil não os botou para fora, estão sem dúvida procurando outra pessoa de quem possam debochar. Bem, aqui estou eu novamente na avenida, tem muita gente, as pessoas acabaram de jantar, dão uma voltinha para fazer a digestão antes de ir sentar nos cafés ou se instalar de novo na frente de suas televisões. Vão tomar um sorvete, se cumprimentar, bater papo, as mulheres e os maridos que voltam de Istambul antes do anoitecer e as crianças sempre comendo alguma coisa, eles todos se conhecem, se dão boa-noite. Passei na frente dos restaurantes. Ismail não está mais lá, na certa está subindo a ladeira, depois de ter vendido todos os seus bilhetes. Talvez fosse melhor eu passar pela casa dele, em vez de ir ao cinema, a gente conversaria um pouco. Mas são sempre as mesmas palavras...

Agora tem uma multidão na avenida. Os carros parados diante das sorvetarias, pessoas que andam em grupos de três ou quatro, atrapalhando o tráfego. Estou de gravata, meu paletó é adequado, mas não posso suportar tanta gente, entro numa transversal. Umas crianças brincam de esconde-esconde entre os carros estacionados ao longo das ruas estreitas, à luz azulada vinda das televisões. Quando eu era garoto, por mais que me dissesse que podia perfeitamente brincar de esconde-esconde, nunca tive coragem de me misturar com as outras crianças, como Ismail fazia. Se eu tivesse ousado, certamente teria sido o melhor; por exemplo, teria me escondido nas ruínas do caravançará, onde minha mãe afirmava que havia antigamente enfermos de peste, teria me escondido no estábulo, não teria mais saído de lá, ninguém teria podido zombar de mim, e minha mãe teria ido me procurar, onde seu irmão se meteu,

Ismail, e ele teria respondido, fungando, como quer que eu saiba, e eu os teria ouvido do meu esconderijo, dizendo para mim mesmo, eu vivo sozinho, mãe, em segredo, sem me mostrar a ninguém, e minha mãe teria chorado tanto que eu teria dito a ela, está bem, está bem, vou sair do meu esconderijo, olhe, estou aqui, mamãe, não vou mais me esconder, e minha mãe teria me dito, por que você se esconde assim, filhinho?, e eu teria dito comigo mesmo, vai ver que ela está certa, afinal, não tem motivo para eu me esconder, e eu teria esquecido, por um instante.

Foi quando eu atravessava a toda a pressa a avenida que os vi: o sr. Sitki, ele cresceu, se casou, está acompanhado por sua mulher, já tem um filho do meu tamanho. Ele me reconheceu, sorriu para mim, parou.

“Olá, Recep Efêndi”, disse. “Como vai?”

Sempre espero eles me dirigirem a palavra.

“Olá, sr. Sitki”, falei. “Vou bem, obrigado.”

Aperta a minha mão. Mas sua mulher, não. A criança olha para mim com medo e curiosidade.

“Sabe, querida, Recep Efêndi é um dos primeiros moradores de Forte Paraíso.”

Sua mulher assente com a cabeça, sorrindo. Fico todo contente, orgulhoso por fazer parte dos veteranos de Forte Paraíso.

“A vovó vai bem?”

“Assim, assim”, respondi. “Madame está sempre se queixando.”

“Faz tempo!”, disse ele. “E Faruk onde está?”

“Eles chegam amanhã.”

Vira-se para a mulher, explica a ela que o sr. Faruk e ele são amigos de infância. Depois nos despedimos sem aperto de mão, com um simples aceno de cabeça. Neste momento, certamente fala da sua infância à esposa, deve falar de mim, deve contar como eu lhes ensinei a pescar tainha na lagoa, quando eram crianças; agora o menino deve perguntar: papai, por que aquele homem é tão pequeno? Porque minha mãe me teve fora do casamento, eu costumava dizer antigamente. O sr. Sitki se casou, o sr. Faruk também se casou, só que não teve filhos, e, como com minha mãe aconteceu o contrário, Madame nos mandou, a ela e a nós, para fora da cidade. Antes de nos mandar embora, disse palavras horríveis e ameaçou nos bater com a bengala, e minha mãe lhe rogou, não faça isso, Madame, as crianças não têm culpa!

Às vezes tenho a impressão de ter ouvido essas palavras naquele dia, naquele dia terrível...

Peguei a rua do cinema, e ouvi a música que toca antes do filme. Ela está sempre bastante iluminada. Examinei os cartazes: *Encontro no paraíso*. Era um filme velho. Numa foto se vê Ediz Hun tomar Hülya Koçyiğit em seus braços. Depois Ediz preso. Depois Hülya cantando, mas sem ver o filme ninguém podia saber como esses acontecimentos se desenrolavam. Talvez por isso ponham tantas fotos do lado de fora, para despertar a curiosidade do passante. Me dirigi à bilheteria: “Um lugar, por favor”. A bilheteira me deu o ingresso e se levantou um pouco da cadeira para estendê-lo a mim.

“O filme é bom?”, perguntei.

Ela não tinha visto. Às vezes fico assim, de repente, com vontade de falar. Sentei-me e esperei.

Quando eles se encontram pela primeira vez, ele não agrada à moça, que é uma cantora, mas no dia em que o jovem galã a salva das garras dos malvados, ela passa a amá-lo, comprehende que está apaixonada por ele, mas seu pai se opõe ao casamento. Depois o rapaz vai preso. Vem o intervalo. Não levantei da minha poltrona, não quis sair com a multidão. Depois o filme recomeça, a moça se casa com o filho do dono de uma casa noturna, mas eles não têm filho, nem fazem nada para ter. Seu marido a abandona por uma mulher da vida, e, quando consegue fugir da prisão, Ediz encontra Hülya Koçyiğit numa casa perto da ponte do Bósforo, e ela lhe canta uma canção. Tive uma estranha sensação ao ouvi-la. Finalmente, o rapaz se esforça para salvá-la, para livrá-la daquele marido malvado, que aliás foi castigado, e agora se adivinha que os dois poderão se casar. O pai da moça os vê indo embora felizes, e eles avançam pela estrada, de braços dados, andam, andam, se tornam cada vez menores na tela, depois se lê FIM.

As luzes se acendem, saímos, todo mundo conversa sobre o filme. Eu também gostaria de falar dele com alguém. São onze e dez. Madame na certa me espera, mas não tenho a menor vontade de voltar para casa.

Desço a ladeira em direção à praia. O sr. Kemal, o farmacêutico, talvez esteja de plantão, talvez sofra de insônia. Eu entraria, conversaríamos, eu lhe contaria umas coisas, ele me ouviria com um ar sonhador, observando os jovens que fazem rachas e falam aos berros à luz do botequim em frente. Fico todo contente ao ver a vidraça da farmácia iluminada: o sr. Kemal ainda não

foi para a cama. Empurro a porta, a campainha soa. Dropa, não é ele, é sua mulher.

“Olá”, cumprimentei e fiz uma pausa. “Queria uma aspirina.”

“Uma caixa ou só um comprimido?”, perguntou a senhora.

“Dois, por favor. Estou com dor de cabeça. Tive uns aborrecimentos... O sr. Kemal...”, ia dizendo eu, mas ela nem me ouvia. Pegou as tesouras, cortou a embalagem, me entregou os comprimidos. Paguei.

“O sr. Kemal foi pescar esta manhã?”, perguntei.

“Kemal está dormindo lá em cima.”

Ergui os olhos. Bem ali, a alguns centímetros do teto, meu amigo está dormindo. Se acordasse, eu poderia lhe contar tudo, ele talvez dissesse alguma coisa acerca daqueles jovens mal-educados, mas talvez não dissesse nada, apenas contemplaria a rua, absorto, enquanto eu falava, enquanto falávamos. Peguei o troco que sua mulher havia posto no balcão com suas mãozinhas brancas. Logo em seguida mergulhou na leitura de uma revista, devia ser uma fotonovela. Bonita mulher! Dei-lhe boa-noite, saí sem incomodá-la mais, a campainha soou. Não tinha tanta gente na rua agora, as crianças que brincavam de esconde-esconde foram todas para casa. Eu também ia para casa, que mais podia fazer?

Depois de empurrar o portão, vi a luz filtrada pelas persianas de Madame: ela nunca dorme antes de eu voltar. Passei pela cozinha, tranquei a porta à chave, dei a volta, e enquanto subia lentamente os degraus da escada me perguntei de repente: haveria escada na casa dos anões de Üsküdar? Era o jornal de quando? Amanhã de manhã tenho de ir comprar um na venda, perguntarei ao dono, ainda tem o *Tercüman* de ontem, o sr. Faruk está precisando, ele é historiador e quer ler *O Cantinho da História...* Chego ao primeiro andar, entro em seu quarto, ela está na cama.

“Estou aqui, Madame.”

“Parabéns!”, disse ela. “Finalmente consegui encontrar o caminho de casa.”

“Que mais eu podia fazer, o filme acabou tarde.”

“Fechou bem todas as portas?”

“Fechei”, disse eu. “Deseja mais alguma coisa? Vou me deitar. A senhora sempre me acorda.”

“Eles chegam amanhã, não é?”

“Sim, senhora”, respondi. “Os quartos estão prontos, eu fiz as camas.”

“Está bem”, disse ela. “Feche direito a minha porta.”

Fechei e saí. Ia direto me deitar e dormir. Desci a escada.